

US\$ 5 bilhões até novembro

17 OUT 1983

por Peter Montagnon
do Financial Times

O Brasil espera levantar aproximadamente US\$ 5 bilhões junto aos bancos credores, na terceira semana de novembro próximo. Em propostas detalhadas, apresentadas aos bancos de Londres, antecedendo a reunião de terça-feira próxima com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, o Brasil solicitou que o primeiro desembolso do empréstimo que está captando entre as instituições londrinas seja "acima de US\$ 3 bilhões", ou aproximadamente metade do volume de US\$ 6,5 bilhões.

Os bancos que subscreveram o "jumbo-loan" de US\$ 4,4 bilhões fornecido ao Brasil no início do ano foram solicitados a fornecer o US\$ 1,8 bilhão ainda não liberado tão logo o FMI reinicie seus desembolsos.

Em sua carta aos bancos, a equipe de negociação brasileira diz esperar que o reinício dos desembolsos ocorra antes do final do ano (o FMI suspendeu as retiradas de empréstimos ao Brasil em maio passado, depois que o País não atingiu as metas econômicas estabelecidas). A mensagem não sugere nenhuma data para a assinatura do novo "pacote" de empréstimos, mas pede aos bancos que concordem com as propostas até 10 de novembro próximo.

Caso o Brasil tenha êxito nas negociações, poderá reunir, até o final do ano, uma quantia suficiente para eliminar mais de US\$ 2 bilhões em pagamentos atrasados do serviço da dívida. O pagamento dos atrasados será uma condição para os saques do empréstimo.

O empréstimo, segundo a carta, seria reunido através da elevação, por parte dos bancos credores, de seu comprometimento a médio e longo prazos em um percentual de 11%. Os bancos também são solicitados a reescalonar US\$ 5,5 bilhões em empréstimos a vencer no próximo ano e a manter as linhas comerciais de curto prazo e as linhas do mercado interbancário ao Brasil no nível estabelecido a 30 de junho.

Banqueiros estrangeiros dos principais centros financeiros do mundo, consultados pela Reuters, duvidam do sucesso do novo "pacote" de ajuda ao Brasil, embora muitos não acreditem que não há outra saída senão participar da ajuda. A pesquisa mostrou que os principais focos de resistência estão na Europa e no Oriente Médio.

(Ver página 12)